

NÍVEL CRÍTICO DE BORO NO SOLO (NOTA)

Francisco de A.F. de Mello¹

A extração de B do solo disponível às plantas por meio de água quente tem sido considerada como o processo padrão (CARTWRIGHT et alii, 1983).

Procedendo da maneira acima indicada, HOROWITZ & DANTAS (1973) encontraram, em solos da zona da Mata, Pernambuco, teores de B que variavam entre 0,58 e 4,34 ppm. Consideraram-nos, portanto, como bem supridos desse micronutriente, uma vez que continham mais que 0,5 ppm, valor que consideraram como limite mínimo.

COLWELL (1943) considerou que solos com mais de 0,3 ppm de B disponível deve ser considerado como ligeiramente deficiente ou não deficiente em B.

Recentemente, CARTWRIGHT et alii (1983) publicaram um trabalho em que compararam os resultados obtidos com o extrator água quente com aqueles obtidos por diversos outros extratores. Desse trabalho fez parte o cultivo de trigo em vasos usando-se amostras de 18 solos diferentes. Os tratamentos foram dois: com B e sem B.

O trabalho em vasos acima referido e mais os teores de B extraídos com água quente permitiram que se utilizasse o método de BRAY (1943) para avaliação dos teores de B disponível do solo.

O método de BRAY (1943) pressupõe um ensaio em que os tratamentos são adição e não adição do elemento cujo teor de quer saber, em vários solos. Utilizando-se a equação de Mitscherlich e produções relativas calcula-se um coeficiente c médio e, com este, atribuindo-se valores crescentes ao teor do elemento no solo em forma disponível constrói-se uma curva. Por meio dela, ou apenas da equação, atribuindo, naturalmente, um valor ra-

¹ Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", USP,

zoável para a produção obtida no tratamento sem adubo, determina-se o nível crítico do nutriente que se quer saber em forma assimilável no solo.

É o que foi feito para a obtenção dos resultados relatados neste trabalho.

Com os dados citados por CARTWRIGHT *et alii* (1983) relativos às produções de trigo nos tratamentos com e sem B e os resultados da extração de B com água quente usando-se, em cada caso, a equação de Mitscherlich obteve-se um coeficiente c e com o conjunto deles um valor médio. Com o auxílio deste último se chegou aos seguintes resultados:

Produção relativa, %	B disponível, ppm
80,00	0,41
86,32	0,50
90,00	0,57

Esses resultados estão bem próximos dos citados na literatura e mostram que, pelo método de BRAY (1943), os teores de B disponíveis obtidos foram próximos daqueles encontrados por extração com água quente.

RESUMO

Utilizando dados publicados por CARTWRIGHT *et alii* (1983) e o método de BRAY (1943) para avaliação dos teores disponíveis no solo foi determinado que as produções relativas se ligam aos teores de B disponível da maneira seguinte:

Produção relativa, %	B disponível, ppm
80,00	0,41
86,32	0,50
90,00	0,57

Foi constatado que o nível crítico de B disponível obtido pelo método de BRAY (1943) coincidiu com aquele citado na literatura, isto é, 0.5 ppm de B.

SUMMARY

Utilizing data published by CARTWRIGHT *et alii* (1983) and the method of BRAY (1943) for the estimation of available nutrient content in the soil, it was determined that the relative productions are related to the contents of available B in the following manner:

Relative production, %	Available B, ppm
80.00	0.41
86.32	0.50
90.00	0.57

It was observed that the critical level of available B obtained by Bray's method, has coincided with that referred in the literature, that is, 0.5 ppm of B.

LITERATURA CITADA

- CARTWRIGHT, B., T.G. TILLER, B.A. ZARCINAS & L.R. SPOUNCER, 1983. The chemical assessment of the boron status of soils. *Aust. J. Soil Res.* 21: 321-332.
- HOROWITZ, A. & H.S. DANTAS, 1973. *Pesq. Agropec. Bras. Sci. Agron.* 8: 163.
- COLWELL, W.E., 1943. A biological method for determining the relative boron contents of soils. *Soil Sci.* 56: 71-94.

GÂMETA E GAMETÓCITO

Na contribuição nº 137 de suas Questões Vernáculas, publicada em O Estado de S. Paulo de 8 de junho de 1986, o Prof. Dr. Napoleão Mendes de Almeida tratou dos vocábulos em epígrafe. E como o assunto é de interesse dos nossos colaboradores, transcrevemos parte do texto.

GÂMETA - Com exceção de alguns nomes que trazem o sufixo ites, indicativo de mineral ou fôssil, normalmente os nomes comuns gregos, masculinos ou femininos, da primeira declinação dão-nos formas terminadas em a, conservando o gênero de origem.

Se exceções dessa norma geral existem, firmadas no erro de nascença e de sua popular e rápida divulgação, procuremos fugir da dubiedade de dicionários que trazem variantes e mais variantes, ora de forma, ora de acento, ora de gênero, de nomes que podem ainda fixar-se, dado o emprego erudito, na terminação, na prosódia e no gênero devidos. É o caso de gâmeta, que vemos nos dicionários de cinco formas diferentes.

Como temos planeta, cometa, atleta, dêsputa, patriota, exegeta, eremita, sofista, acrôbata e outros nomes corretamente grafados e acentuados, gâmeta é a forma que devemos usar em português, com a terminação a, com o gênero masculino e com o acento tônico na primeira sílaba por ser breve a vogal da penúltima.

GAMETÓCITO - Por ser breve o y (i na ortografia oficial) do elemento grego cyto, todos os compostos que por ele terminarem serao proparoxítonos: leucócito, fagócito.

(Luiz Gonzaga E. Lordello)